



F. Rei 1922

ROCHA MARTINS

FANTOCHESES

GARANTIA

COMPANHIA DE SEGUROS

Fundada em 1853 com séde no PORTO
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

CAPITAL REALIZADO 1.000 CONTOS

Sinistros pagos até 31 de dezembro de 1921 Esc. 9.045.440\$60

Reservas em 31 de dezembro de 1921 Esc. 731.635\$20

Seguros de Vida

EM TODAS AS SUAS COMBINAÇÕES ENTRE OS QUAIS OS VANTAJOSOS SEGUROS: — **FAMILIAR** (SEGURO DE CAPITAL E PENSÃO) E **MIXTO DE CAPITAL DUPLO** (QUE DUPLICA O CAPITAL EM CASO DE SOBREVIVENCIA).

**Seguros terrestres, marítimos,
agrícolas e de automoveis**

Agentes em Lisboa, Coimbra, Faro, Santarem
e Portimão

José Henriques Totta, L.^{da}

(BANQUEIROS)

Em Lisboa:

Telefones 533, 1589, 4078, 5152 e 4153

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

Carta, sem estampilha, para o Chefe do govêrno

Uma « prancha » terrível — Como dois ministros
acusam a Moagem — Aumenta-se o preço do
pão? — Um passeio com o senhor Antonio Ma-
ria da Silva — Do pão pobre ao pão de luxo —
Uma evocação da « prancha » e uma supplica ao
governante.

Como as nossas relações não me autorizam a escrever-lhe pelo correio — e mesmo porque tornou a estampilha inacessível — dirijo-me a v. ex.^a nestas páginas, que já muita gente lê, visto não ser segredo o que tenho para lhe dizer.

Recordo-me de certa ordem de prisão passada contra mim quando o *A B C*, entre o aplauso do público, apresentou v. ex.^a em traje de forneiro metendo, com a sua pá, massa para os fornos monopolistas. Prevenia-o da hora má, dizia-lhe que aumentar o preço do pão equivalia a lançar lenha para a fogueira na qual todos nos consumimos; e era tudo, num direito de pobre ao vêr o seu alimento encarecer.

A Maçonaria, de que v. ex.^a é um grande influente, avisara Granjo de ter êle faltado aos compromissos dos filiados para com o povo e na sua algibeira foi encontrada, manchada de sangue, a *prancha* em que o acusavam. Eu ignorava esta resolução maçónica, datada de 13 de outubro de 1921, mas quasi pela mesma época, uma semana antes, avisava, o meu pobre amigo de que o seu ministro da agricultura irritava o povo e, travestindo-o de moço de padaria, celebrisava o pão do senhor Inglez. O presidente do conselho não tomou, então, para comigo os medidas que v. ex.^a determinou, quando, enroupando-o de forneiro, simbolizei o seu

mau passo. Não chegava a ser uma ameaça o que fiz; retiniria apenas como um bom aviso aos ouvidos dum verdadeiro politico.

Cheia de rigor e de aspereza para com Granjo era a *prancha* que decerto v. ex.^a conhece, assinada pelo irmão Ferrer . . . 33 e referendada pelo irmão Wagner . . . 9 e elle calava-a, envolvido nesse baralho do pão politico — como agora lhe chamam — não podendo castigar prevaricadores e vindo a ser vítima da onda alucinada, louca de vinho e de colera, bebada de sangue, a trucidá-lo no momento em que v. ex.^a recuperava o animo sorvendo o seu caldo de *pola* nalguma *fonda* da fronteira.

Pois bem. Desejo saber se v. ex.^a, antigo chefe da Carbonaria e elevado grau maçonico, tambem já recebeu a *prancha*, o aviso, perante os tripudios da Moagem e se não se apavora, não estremece, não se alucina só à idéa da irremediavel subida do preço do pão destinada a fazer as alegrias dos exploradores e a fome nas camadas médias e populares? Não é com uma expressão gráfica, nas páginas duma revista de luxo que lhe falo assim mas de dentro das rudes folhas deste panfleto que lhe faço a pergunta. Já recebeu a *prancha*? Das duas uma ou a preparam no Grande Oriente ou a injustiça preside aos areópagos do Gremio Lusitania pois cita um irmão e deixa de enviar a outros a terrivel advertencia.

A esta hora, já nas *lojas veneraveis, oradores e obreiros* sabem não ser eu — modesto plumitivo, como soe chamar-se aos que fregem os miolos de dia para comerem à noite, trabalhando pela pena — quem atira o alarme mas dois ministros que accusam. Um é o senhor Peres Trancoso, antigo titular das finanças e commissário dos abastecimentos, outro o senhor Fontoura da Costa, actual dirigente da agricultura, no gabinete democratico a que v. ex.^a preside. E' gravissimo.

«A MOAGEM ROUBOU AO ESTADO 500:000 CONTOS EM 5 ANOS» asseverou aquele politico emquanto o colega de v. ex.^a declarava, á *Imprensa Nova*:

«O ESTADO GASTA COM O TRIGO, MAIS DE 7:500 CONTOS POR MEZ DOS QUAES NÃO APROVEITA NADA NEM O POVO. VÃO PARA A MOAGEM QUE FAZ PÃO DE LUXO, BOLACHAS, MASSAS ETC.»

Como vê as duas contas batem certas. 90:000 CONTOS POR ANO SÃO 450:000 CONTOS EM CINCOS ANOS.

O remédio está ou em tirar os proventos aos moageiros e até em responsabilisa-los pela miséria do povo ou em aumentar o preço do pão afim do estado não se exaurir em proveito de particulares.

O que prefere v. ex.^a? Ir abertamente ao parlamento, pintar crua-mente a situação e solicitar as medidas necessárias para esmagar punindo os culpados ou alcavalar mais o alimento, gerando maior revoltas?

Sabe que elevar o preço do pão é incitar á lueta pelo salario, é a subida dos outros generos e da mão de obra, naturalmente, até, tambem a da estampilha, motivando a proibiçãõ da escrita pelo correio por muito cara e dispensavel à primeira vista.

Virá daí o decrescimento da população, pois toda a gente epistolando amorosamente cercerar-se-ha o contacto dos sexos, diminuirá o número de casamentos e acabar-se-hão os batisados.

Depois desta minha revelação v. ex.^a talvez acolha antes os moageiros, porque, sendo de seu feitio amovavel, ambicionará não saber do acrescimo de boquinhos esfomiadas. Arruinar-se-ha a nação mas não se

verão deflinhar inocentes. Eu é que vejo os aspectos de miséria desses pequeninos cujos pais v. ex.^a iniciou na Carbonaria, de olhos vendados, prometendo-lhes bem estar. Se quiser vêr o que fez deles, venha um dia a esta orla do Monsanto, onde me albergo, afaste de si a idéa da minha rebeldia, lembre-se das nossas origens de povoleu, bata-me à porta, confie mais na minha companhia que nas da guarda, muito moveis, muito voluveis e decida-se a escutar.

Desceremos, ainda no escuro, ao frio cortante—traga v. ex.^a um gabão em vez de peliça e esconda as luvas, porque vai ver gente semimna—; meteremos para a Senhora Sant'Ana e, na baixa, atravessando o portelo, sôbre o riacho negro, eu lhe apresentarei os famintos os que ajudaram a bater os monárquicos—e as mulheres hoje clamorosas, atribuindo a v. ex.^a e à república as dôres, as amarguradas horas que passam, quando, na verdade, só à ineptia ou ao conubio dos políticos com os plutocratas a devem. O pão carissimo e péssimo vão buscá-lo, antes do dealbar, a estabelecimentos nos quais se fabrica muito pouco do ordinario afim de se comprar do melhor, pois o homem não espera, tem pressa de ir para a fabrica, para o campo, para a officina. E lá se erguem, com a madrugada, a femea e parte em busca do alimento, calquinhando a lama, amaldiçoando a vida, sentindo não ter dinheiro que chegue para adquirir, visto o seu custo, o alimento necessário aos seus. Como ela amaldicôa?! Não a ouve? Escute o chop-chop dos seus tamancos e a sua voz rouca. E' horrivel, não é?! Olhe como acon-, chega o filhito no farrapo do chale e clama: que o 'pão só tem farelos que raios partam a vida... Ah! que se ela pudesse! Repare naquele luzir de olhos. Será feroz amanhã, no momento da rebelião, porque se lembrará destas manhãs horriveis e terá ouvido que toda a sua faina, sofrimento e desgosto, aproveitou-a uma duzia de moageiros, a eles se destinaram.

Pergunta pelos seus palacios... Veja bem... Veja bem...

Não pressente aquela morte que eu descrevo no *Spartacus*—se não conhece o livro eu mandar-lho-hei—feita pela populaça que sufoca um padeiro—mestre, monopolista e ladrão, atulhando-lhe de farinha a bôca como mais tarde a Crassus, o grande rico a quem queriam fartinho de oiro atéá guela?

Suba, agora um pouco; não tenha medo. Eu conheço êstes desgraçados. Aqui é os Sete Moinhos, e êstes garotos *deita gatos* e aprendizes de misteres, famintos, são infancias tenecidas, trazendo dedadas de miséria nos rôstos e seus repelões nos rasgões dos fatos. E' a juventude de amanhã e a dôr ternal-a-ha implacavel.

Quer ouvil-os? Vamos que a aurora cinzenta já desponta e se quiser vêr ainda pão ordinario, é necessario caminhar. Estamos no Arco do Carvalhão; o spectaculo é igual; agora na rua Maria Pia, apenas se ouvem imprecações. Metamos a Campo de Ourique e não desvie a vista.

Um bando de mulheres, encharcado pela cacimba da noite, algumas aconchegando os petizes, outras levando-os pela mão, berram porque o pão mal cosido não lhes fará arranjo e cada vez que o padeiro declara não ter pinho é a forza que evocam aos gritos: o teu patrão é que precisava uma cruz de pinho! e os palavrões sibilam desbragados por umas, noutras é o choro que chega, enquanto as mãositas das crianças, abrindo-se para os nacos duros dos contrapezos, mostram as frieiras do mau sangue.

Olhe como são escarninhas, como chicoteam os homens:

—O' Zé vai para carbonario . . . Olha o bacalhau a pataco e o pão a vintem o kilo . . . Malandros!

Levante v. ex.^a a gola do capote, não o vão conhecer, nesta mole imensa que passa imprecando. Eu sou para eles um rosto familiar mas chove muito, ha desconforto e o seu gabão é novo como o do Buiça. Que ideia! . . .

Vamos por esta ruasita mais azeada, mais calma. Aqui é quasi tudo gente da classe media, tão provada pelas torturas que nem tem o desalogo dum insulto. Aparecem, por entre os vidros, róstos macilentos de raparigas anemizadas, velhinhas empelhancadas espreitam, aguados os olhos e aguadas as bocas. Não imprecam como as do povo elas; êles, os da sua familia, gente de gravata, é incapaz do arranco, de pegar na espingarda.

Veja v. ex.^a esta grande tragedia dos envergonhados, cidadãos da classe media, amigos da ordem e da republica. Que esperam?

Diga v. ex.^a tão atilado nos bastidores eleiçoeiros. Que esperam?

Não sabe?! Pois eu lhes pergunto . . . Não é uma alucinação. Como um zumbido forte se altea a resposta vinda de todas as casas: pão barato, o castigo dos exploradores.

Não ha nesta hora a brôa de farelos nas padarias; os suinos da ralé compraram-no e vão devoral-a com lagrimas.

Deixe o gabão; pode calçar as luvas. Que demonio! Não fica bem, neste sitio onde o levo, aparecer de capote á alentejana, como se fosse ainda um fabricante de bombas.

Já tem outro aspecto as padarias. O que depara v. ex.^a? Os lindos pãesinhos loiros, os arredondados, os de lôrma, os embrulhados em papeis, os bôlos quentes e fôfos que desejaria comprar para levar às suas pequenitas. Lembre-se, porém, que o seu ministro da agricultura os diz roubados á alimentação dos pobres, tirados do nosso alimento, defrontando a comida dos trabalhadores e da classe media, perturbando até o orçamento a alguns ricos que os pagam nas decimas, nos exagerados impostos, nas adicionais. As suas filhinhas inocentes não podem comer esses pães do crime. Ah! bem sei. São lindos, tostadinhos, despertam o apetite, nesta hora matinal, depois do passeio, mas são caros como gotas de sangue vertido e representam, na sua massa fina, o parasita formoso engordado e enfeitado com o trigo que ao pão de todos nós se roubou. Custam SETE MIL E QUINHENTOS CONTOS, por mês, para existirem assim, excelentes e doirados e quem os explora á nossa custa vive exactamente como êles do roubo, do assalto e da fraude até á hora em que o povo, quebrando estas montras e levando esses pães, avance sobre outros mais fortes: os cofres da moagem.

O quê?! v. ex.^a o das mascaras, o das balandrans, o da Carbonaria, estremece? Tême a fatalidade historica que desencadeou?

Mas que quer fazer? Quem revelou ao país todos estes atentados, quem declarou ser uma imensa verdade o que traslado?

Eu, panfletario apagado, com uma caneta velha entre os dedos?

Não. Quem denunciou á turba a origem da sua fome e da riqueza dos moageiros? Fui eu? Não. Dois ministros radicais, cheios de auctoridade e insuspeitos para as instituições, accusam. Eu, excelentissimo cidadão, só o aviso. E sabe porquê?

Porque vivo muito de paralelos historicos e de presentimentos diarios.

Aviso-o, porque v. ex.^a, depois do passeio que lhe fiz entrever, e das declarações dos seus pares, já disse consigo:

E quiz eu prender este rapaz tão amavel, o qual, apesar de tudo, não me poz tanto em cheque como o meu proprio ministro da agricultura. Êle chamava a minha atenção; o outro alarmou. E se eu prendesse antes o colega?! Sim, para demais, ha aquela historia do livro exotico desaparecido . . .

Devem ser estes os pensamentos de v. ex.^a. Espero que se confesse arrependido, me dê toda a razão e que aguarde a *prancha* maçonica se não preferir tomar uma resolução energica sôbre os lucros dos moageiros. E' tão facil. Eles são tão ricos; eles teem muitos assalariados em toda a parte, bem sei, mas . . . Olhe v. ex.^a os que saudavam o rei no Bus-saco de espada ao lado, em setembro de 1910 e logo se acocoraram diante da republica, no outubro seguinte! Quando a derrota chega . . .

Entretanto, se v. ex.^a pensar de outra maneira, eu peço-lhe que hesite, muito, se contenha, apesar de habituado a enviar *pranchas*, em as transmitir como *pranchadas*, no povo, no momento, se êle chegar, e suplico-lhe que o evite, do aumento do preço do pão. Gera desesperos, terríveis; sabe-o melhor do que eu, e nós temos razão, imensa, uma clara uma forte razão em protestarmos.

Na algibeira dum môrto, encharcada pelo sangue — a do Antonio Granjo — havia um daqueles papeis, uma *prancha*, e foi ensopado pela furia dos sabres, habituados ás *pranchadas*, os da guarda republicana.

E com êste arrazoado, o deixo entregue á sua consciencia, ao seu destino e ao Supremo Arquiteto do Universo. Falei-lhe digna e franca-mente e desejaria, ao menos uma vez, embora em proveito dêle e do povo, ser atendido por um ministro da republica.

As da Cocaína e os dos generos alimenticios

Quem vendeu a cocaína ás manicuras? — O segredo é alma do negocio — As negociantes do sonho — Os falsificadores de generos — Onde estão as leis punidoras — Para que as prendem?

Grande alarme causou a prisão dumas manicuras que vendiam cocaína a mundanas, ávidas de sensações extranhas, descritas na *Garçonne* e sentidas nos *Cutés* da Baixa e da Alta.

Parece que uma sensação de admiravel bem estar, dum sonho ardente, dumas visões agradaveis encham os que se cocainisam e a vida torturada que levam, passa a ser, em instantes, paradisiaca.

Os encantos entrevistos nas *Mil e Uma Noites* não são mais do que fumos de opio, antiquado já em demasia, mas sempre a produzir os mesmos efeitos deslumbradores. Seguiu-se-lhe a morfina; veio, depois, a cocaína e ela é agora a grande depravadora.

Vende-se em segredo, leva-se aos domicilios como o pó das maravilhas e mulheres que vendem os corpos, pagam-na a peso de pó de oiro. A policia descobriu as vendedoras, lechou-as em calabouços, a meditarrem no seu acto, os jornais encheram-se de pormenores sobre o caso extranho e, a certa altura, disse-se estar em transe de ser descoberto o individuo que fornecia o alcaloide ás manicuras. Acrescentou-se até ser personagem conhecido e eu, com o paiz inteiro, fiquei á espera da sua prisão.

Prepassei curiosamente na minha imaginação as pessoas mais celebres de Portugal, desde o senhor Bernardino Machado ao senhor dr. Antonio Cabreira, com escala por menores em rumores de apotheose, e não encontrei. Calculei que podia ser um farmaceutico, um clinico, um maniaco do mal, imaginei tudo mas fiquei, como a policia, sem saber mais de que havia umas mulheres duvidosas que forneciam cocaína a raparigas da vida airada e quem sabe se até propagandeavam o seu consumo em algumas casas sérias.

Qual vae ser, segundo a lei, a sorte desses agentes do vicio?

Naturalmento uns dias de prisão e depois verem o negocio mais desenvolvido, ante o réclamo esplendido que se lhes fez e o ruido enorme que se levantou a clamar á sua volta. Tomaram-no muitos inventores de tonicos! Tomara-o o partido Nacionalista Junior!

De futuro, quem quizer cocainar-se, já sabe onde ha de encontrar a materia prima.

Comerciantes das grandes sensações, elas serão procuradas e disputadas, solicitar-se-lhes-ha o remedio para os dias negros e para as horas crueis, o elixir da felicidade momentanea paga á custa do descalabro animal; negociantes do sonho, terão a adoral-as os que quizerem sonhar e a sua missão de enriquecer cumprir-se-ha porque, realmente, lhes deram publicidade e o codigo não as condenará como envenenadoras.

Que eu saiba, o azeite falsificado, droguizado, jamais lez sonhar, tampouco deu umas horas de ventura, fez evolar a imaginação, antes produz desinterias ridiculas ou vomitos grotescos aplicado nalguma posta de bacalhau.

Pois bem; os que nos levam a estes esgares, a estas contorsões, a tais arrancos de ventre ou de estomago, não passam pelos calabouços. Pagam mil e quatrocentos por cada litro do liquido apreendido e continuam a entoxicar a humanidade, já se vê, a de Portugal, porque nos paizes europeus espera-os a cadeia por largo tempo e se reincidirem, aguardal-os-ha o degredo mais o sequestro de bens.

Com o pão succede o mesmo. Envenena-se e não se recebe castigo; igualmente com o vinho, com o resto dos generos, todos fraudisados no fim unico de ganhar, sabendo-se que prejudicam os organismos. Uma legislação benigna cobre estes honrados negociantes a estas horas indignados, porque se vende cocaína em Lisboa. A razão é simples; é que enquanto se sonha não se come e o negocio das putreias não rende. Só por isso, estes cocaínistas do genero alimenticio, clamam contra as negociantes de visões, ás quaes a justiça não alcançará como não responsabilisa quem nos derruba com um automovel, quem nos lança por uma ribanceira, quem nos entoxica com a comida, quem nos mata de repente com um atropelamento, nos deixa aleijado ou nos faz succumbir dia a dia ingerindo os productos que vende, desde o bacalhau pôdre aos licores, cuja analyse não se faz.

Um *chauffeur* pôde assassinar ainda com mais impunidade do que um medico; um comerciante, como se vê, pôde envenenar-nos, dando-nos o desagradavel do vomito, com menos repulsa do publico e menos réclamo do que essas hetairas que vendem o sonho a retalho e nem por sonhos pôdem ir parar á costa de Africa.

A Eva republicana e o Adão proletario

Um velho operario revolucionario — As suas aspirações e a sua carabina — O "mais alem," do trabalhador — O assalto à Casa Sindical — A salda do forte de Sacavem — Eva e as serpentes

O velho Jeronimo, da Fiação, pertencera ao club *Razão e Justiça* de Alcantara, andara no pateo do Salema e adorara José Elias.

Envelhecera a amar a republica e educara na mesma idea os filhos, o Artur, electricista, hoje no Brasil e o Carlos que a morte levou quando já amanhava uns cabedais numa tinturaria sita aí para a Penha.

Havia naquela fisionomia de operario alguma cousa de soldadesco — julgo que servira no 7 de infantaria — e os seus olhos velhinhos brilhavam quando recordavam mestre Teofilo, os arrancos de Magalhães de Lima, numa associação de Belem. Penso que foi dele certo emblema do *Razão e Justiça*, quando liquidou sendo mais tarde oferecido a um caudilho. Era a republica, de barrete frigio e, como um arcanjo, de espada flamejante, calcando a Reação, Jeronimo sabia frases inteiras ditas pelo Gomes da Silva na propaganda e do dr. Manuel d'Arriaga guardava a recordação de um abraço.

Quando chegou a hora, em Outubro de 1910, Jeronimo não faltou à chamada. Julgo que esteve na quartel de Alcantara e topeio-o, mais tarde, de espingarda ao hombro, semi-louco, chorando, porque — dizia êle — já não morreria sem a ter visto, a ela, à sua deusa, implantada.

Batendo na arma *desafiava os inimigos e — coitado do ancião — imaginava que se devia ir mais alem, enfim, dar ao povo, aquilo a que tinha direito: a felicidade.

Jamais houve tão esperançado fetichista, nem alma tão humilde se deu a uma crença.

Em 31 de Janeiro de 1912 chovia imenso e, sob as bategas, a artilharia, a cavalaria, e a infantaria cercavam, na rua Formosa, a Casa Sindical. Rebentara uma grande grêve em Evora e uma turba multa

operaria, reunida no antigo palacio Pombal, aguardava os seus delegados. Mulheres de trabalhadores, algumas com creanças ao colo, acompanhavam os maridos para a saída, querendo compartilhar da sua sorte, clamorosas ao sentirem o estrangulamento da tropa. Jeronimo estava na associação, decerto firme e resolute ao lado dum dos filhos e quando Alexandre Vieira e Sá Junior, foram chamados ante o comandante das forças, êle tambem quiz ir, sob a agua regelante, espreitar o que se passava.

— Que ou se rendiam em cinco minutos ou bombardeavam o predio.

— Que bombardeim! gritou entre a massa trabalhista desarmada, os brados das mulheres, as coleras, as raivas, os furores e as palavras de cedencia dos chefes sacudindo a responsabilidade do morticinio.

Sabe-se o que succedeu: entregaram-se.

Então, num convulso movimento, os operarios atropelaram-se diante dos militares formados e logo vozes de comando alteadas ordenaram que se descesse para entre a fila das baionetas. Elas nem reluziam nessa noite sem lua; os candieiros tinham sido apagados, homens, peças e cavalos confundiam-se no borrão escuro e sem o tilintar das armas, o entrechoque das espadas nas esporas, o batuquear dos pés na rua, o vozear da gente, imaginar-se-fa que um bivaque aguardava a alva para se levantar. As bandeiras novas da republica, ensopadas pela chuva, enrolavam-se em torno dos paus como envergonhadas.

Vi tudo da janela do *Seculo*, encharcado tambem, senti as palavras rijas das mulheres apalpada pela soldadesca e vi a marcha longa, demorada e triste das tropas apertando nas suas fileiras os trabalhadores. Levou aquilo uma hora a passar para o Arsenal, debaixo de bategas, sem palavra, num rumor de exercito em andamento. De repente, de dentro do edificio, veiu como um ruido maior, depois propagou-se à rua, reboou nos ares humidos. Subiu um cântico de que distinguia vagas palavras numa toada soturna do meio da qual, surgiam como laminas aliadas, alguns estridulos sons dos mais nervosos. Cantava-se a *Internacional*.

De pé famintos da terra

Depois que não queriam nem mais reis nem mais senhores; toda uma aurora vermelha se estendia naquele lôbreo amanhecer.

Lembravam os primeiros cristãos saindo das catacumbas entre pretorianos, erguendo seu cantico forte, na sua marcha obediente de vencidos.

Os marinheiros insultaram-nos, e a bordo do *Pero d'Alenquer* mal comeram; o dia plumbeo decorreu, veiu o escuro da noite e depois, claridades vagas.

Numa tarde recebi uma carta do Jeronimo. Estava no forte de Sacavem. Não pedia nada para si; dava noticias, e se lhe pudesse valer ao filho . . .

Mas que representava eu aos olhos desse homem para o atender? Não passava dum jornalista impedido de dar um passo a seu favor, porém recordava o velho de ares soldadescos, a sua espingarda, os seus dizeres, a sua fé, a sua ansia redentora e fui pedir a um republicano ilustre a sua libertação.

— Que demonio? Era o Jeronimo de *Razão e Justiça* a pleitear pelo filho . . .

— Pois sim . . . mas . . . É preciso dar um exemplo. Ora, o Jeronimo . . . É danado . . . Foi o que ficou com o emblema do centro . . . Era novo então . . . Olhe lá . . . Mas para que se meteu êle nisso? Já cá temos a republica . . . Que mais quer?

— Mas oh dr. . . . oh meu amigo . . . veja se lhe acode . . .

Não acudiu. Deliberou-se soltar toda a gente como se mandara prender e, então, o velho da Fiação apareceu-me mais magro, a tossir, a contar da casamata onde a agua chegava aos seus tornozelos, a dizer, cansadamente, cousas disparatadas, enquanto o filho só pensava em ir para o Brasil.

— Não. . . E' preciso que o povo se bata de novo. . .

Sentou-se o Jeronimo á minha mesa modesta; jantámos e eu puz-me a ler-lhe, ao cabo da comida, historias velhas de revolucionarios, vitimados quando queriam fazer triunfar os ideais puros.

Desfilavam os girondinos esmagados pelos sanguinarios, evocava os hienicos insultos á sua volta e depois passava ao esmagamento dos trabalhadores em 48, agarrava nos comunistas e quando, revolvendo as chamas de Paris petrolisado, apresentava os federados, levando-os contra o muro da morte, ouvi um berro convulso:

— São todos assim desde o tempo de Adão e Eva!

Jeronimo dasabafou chorando e eu dei-lhe mais um copo de aguardente, um aperto de mão e deixei-o ir á vida, que foi curta, pois lá jaz n'um coval do cemiterio da Ajuda, pago pelo electricista, que teve sorte na terra amiga.

Vinha isto a proposito do acutilamento dos operarios nas salas da C. G. T., de Mario Domingues — um idealista intelectual e rebelde — de cabeça aberta, dos gritos ironicos dos camaradas diante do *Mundo*, desses vivas á republica sarcasticos e queixosos a um tempo.

Nunca me lembrei tanto do Jeronimo como hoje, nem mesmo quando soube os sindicalistas e anarquistas batendo-se contra Monsanto. No meu espirito desenhou-se a figura do operario da Fiação, reconstitui as scenas da sua vida de crente e o seu brado final de desalentado. Com a dele appareceram-me as existencias de todos os outros da sua especie, batendo-se, defrontando-se com os sistemas ou com as sociedades, sonhando, visioando, e, no fundo, encontrando sempre, a mandal-os, ambiciosos senhores saídos do seu esforço, rufiões das crenças, proxenetas das aspi-

rações, repotreando-se nos logares dos derrubados, excedendo-os em tiranias e em proventos.

—Pois que mais queria o Jeronimo? Se já cá estava a republica?

Um dia os avançados, os descontentes, os revoltados de agora bater-se-hão por um simulacro radical que não resolverá cousa alguma dentro dos altos principios—crisalidas formosas desabrochando sempre monstros—e quando o Mario Domingues e os seus cumplices declararem não passar dunha burla aquele governo, dir-lhes-hão; ainda, como hoje, depois de os trepanisarem à sabrada, para verem as côres dos miolos anarquistas:

—Pois que mais querem . . . Se já cá está o radicalismo?!

Este entrecho—que vem do fundo dos seculos—o velho Jeronimo tinha razão. A Eva dominando o Adão com os seus maleficios dava bem parã se comparar á mentira das republicas, nascidas das costelas da populaça, dos regimens de varias castas, pela turba proclamados, traindo-a, depois, falseando-a com todas as serpentes desde as de capelo—os doutores— até às cascaveis, cuja caudas teem ruidos de aviso argentino, como as campainhas dos parlamentos.

E' sempre assim. A seresmica Eva da republica, que se diz ordeira, esmagando, primeiro pela manha, e logo pela força, o que se julgava o colossal Adão proletario.

Como o "Dente d'Oiro" acusa um juiz

Um réu esmurra um magistrado — A situação dum Inquiridor — Ocultaram-se nomes de oficiais no processo de 19 de outubro? — O que val dizer o chauffeur da "camionette,"? — Mais um acto teatral — Para que servem as mágicas e os mágicos

De dentro da seu cárcere da Trafaria, *Dente de Oiro*, o da *camionette* sinistra, epistolografa, por um arranco, ao juiz que começou a instaurar-lhe o processo. O *Correio da Manhã* teve escrúpulos em inserir a missiva do assassino, mas achou-a elucidante para a justiça como de resto o *Século* já fizera em relação a outra que êle lhe enviara.

Eu, se o *Dente de Oiro* me escrever, mesmo com as abstrações usadas para comigo pelo assassino do dr. Sidonio Paes, não tenho dúvidas em o lançar á publicidade. Os velhos preconceitos da imprensa romantica devem desaparecer diante da alta reportagem que é hoje quasi a unica forma de jornalismo. Hesitar em elucidar o público é como, em guerra, deixar de disparar a tempo.

Para mais *Dente de Oiro* defronta-se com o seu acusador; o réu ignominioso desdenha do seu juiz e é sempre de um soberbo efeito esta luta que tem imenso de singular pelos golpes teatrais. É como vêr num *ring* certo jogador de sôco a fazer partes, a tirar elegancias dos seus gestos, a admirar-se ante uns espectadores duvidosos do seu valor, da sua ginastica, da verdade dos seus movimentos, entre apostas dos que chamam *trucs* a tanta destreza e de repente aparecer-lhe, pela frente, charro, brutal, musculoso, sem cuidados de espantar a galeria um outro luctador e atingindo-o no pescoço, afocinhal-o ao primeiro golpe no tapete, deixando-o cheio de nodos negras sem forças para pedir arnica.

Isto é o que diz o Roberto, muito amigo destas comparações de pista, ante a resposta do marujo assassino ao senhor doutor Barbosa Viana, aquele que o alcunhou de monarquico, e com os realistas feito, na celebre sessão do tribunal de Santa Clara.

Eu tambem aqui aponte as cavilosas afirmações do magistrado, menor pela idade e pelo saber, mas de bem diferente maneira em importancia jurídica do que o réu atirou agora ao publico.

Acusa, por sua vez, o instaurador do seu processo — a quem acha inferior a um grumete no desempenho da sua farça do conselho do guerra, e, abertamente o declara, sem que ninguem o desminta e sem

que o senhor doutor esteja ainda preso, ter ele querido encobrir os nomes dos oficiais ordenadores da prisão dos meus infelizes amigos, Maia e Machado dos Santos, conforme o conductor da *camionette* lhe revelara.

Dente de Ouro, que escreve da maneira aperfeiçoada do futuro da reforma ortográfica, exprime-se nos seguintes termos:

«Foi mentira que quando o choufeur da camionete apontando com testemunhas quem lhe tinha dado ordens para ir numa Camionete prender o sr. comandante Carlos da Maia e Machado Santos e v. ex.^a o mandou pôr incomunicável, quando viu que se tratava de oficiais?»

Como está patente, isto é mais de que um repto, é um murro de espatifar um homem de ademanos e de costelas frácas; é a grande boxada do republicano no integralista.

Sim, porque o *Dente de Ouro*, que foi dar o nome á *Imprensa da Manhã*, com os camaradas, num alarde dos seus crimes, que diziam êles limpavam a república — decerto a alguém o ouvirião — reclamou para si a qualidade de defensor do regime, de resto reconhecido pelo mesmo senhor Viana no decorrer das investigações quando — conforme afirma o réu hediondo — chamava bandidos ao irmão e ao cunhado do meu infeliz Maia, aos quais compete a resposta e procedimento na hora própria.

O chefe da camionete das execuções continúa:

«Foi mentira eu dizer-lhe que a falsa acusação de integralista feita à minha pessoa jámais lhe perdoaria, ao que o senhor respondeu: não falemos mais nisso, visto não ter importância para o caso, pois estou convencido que és republicano, mas bem vêes que tudo isto tem que ser para . . .»

E quedou-se, o *Dente de Ouro*, até ao momento de afirmar que o senhor Barbosa Viana quiz ser o seu defensor.

De tudo isto conclue-se que mais uma vez eu tenho razão de clamar contra a instrução do processo militar.

Os primeiros individuos a comparecer no julgamento deviam ser os do veículo da tragédia. Naturalmente o juiz interroga-los-ia, quereria saber quem lhes dera a ordem para arrancarem dos seus lares aqueles dois polífticos, quais os termos dela e o resto. Sim; e o resto. Pois que, não sabemos em nome de que idéa, em virtude de que pensamento, se agarraram primeiro os chefes da revolta, sobre os quais pesa apenas — e talvez com razão em relação a alguns — já jura-lo — a questão da falta de comando e de energia e não se ouviram ali, em primeiro lugar, os que fizeram os crimes.

Porque foram procurar aqueles dois homens de bem, obriga-los a sair dos seus lares, sem mais piedade pelas lagrimas das mulheres, sem mais dó pelas supplicas das desgraçadas arrastadas as seus pés? Quem os mandou? Marinheiros, por si só, a seu talante, tomariam a grave resolução de prender um capitão de fragata e um almirante?

Dente de Ouro afirma, diz ele, que com testemunhas, terem sido officiais que lhes ordenaram o acto. Quais fôram? Êle evocou realmente em casa de Machado Santos um nome, o do senhor Propopio de Freitas. Disseram-me, horas depois do crime, o filho e o irmão do meu querido morto. Podia ser um abuso; podia ser uma verdade. Precisava apurar-se tudo e as dúvidas crescem de novo. Suponha-se que o sinistro acusado amanhã, no tribunal, revela com todos os outros, a auctoria dessa ordem, que aponta alguns dos officiais, sem dúvida a serem absolvidos neste julgamento? Sim, imagine-se que êste brado: «mandaram-me prender o se-

nhor comandante Maia e o senhor almirante Machado Santos.» Fante-
sien-se que êle acrescenta: «Disseram-me que os levasse para o Ar-
senal.» Visione-se que êle, de seguida, juntamente com os seus compa-
nheiros da *camionette*, cita dois ou três nomes de superiores, de chefes
revolucionários. Pense-se que *Dente de Ouro* mente, que os outros fal-
seam a verdade, mas juram, clamam, bradam que tudo se passou assim.
Sendo muitos homens a dizer o mesmo, com o ar que este toma ao des-
crever as suas scenas com o senhor Barbosa Viana, quem será
capaz de desfazer do ânimo do publico a idéa de que falaram verdade?

Que faz de seguida a justiça? Prende-os depois de absolvidos? Bem
melhor teria sido, rapidamente, sem dar tempo a ensaiar farças ridiculo-
trágicas, levar ao tribunal os que apareceram na acção maléfica e depois
os que êles accusassem, porque nada peor que os golpes teatraes nas au-
diencias. O que se faz nos gabinetes dos juizes é como o que se passa
nos laboratórios, mas diante do público o caso muda, cresce, impõe-se,
alastra como um fogo de artifício em noite côr de brêu. Tem um rico
fundo o espectáculo. A esta hora o país quere saber quem são os offi-
ciaes que deram as ordens aos da *camionette*. Em relação a Maia e ao
almirante, eu—como amigo, quasi como irmão de ambos—obrigarei, na
medida do possível, a que se chegue à verdade e ao castigo. Tinha idéas
formadas, agora, depois das frases do executor malvado, das suas reve-
lações acerca do senhor Barbosa Viana, véem-me aos labios mais interro-
gações. Não quero dar tonalidades romanticas a êste crime nem imagi-
nar o pobresito do bacharel em maquiavelico Fouché; preciso só apurar
porque não quiz seguir a pista indicada pelo *chauffeur* logo que êle falou
em officiaes?

Não sou eu quem quere; é a nação, mas mais do que isso é a honra
do senhor Barbosa Viana que o obriga a declarar as razões do seu
silencio, os motivos da sua deliberação de meter o marujo no segredo
mal o ouviu acusar superiores.

Vejam os bem; podemos pensar tudo desde que uma tal accusação se
faz. Bem sei que ela vem dum só homem mas amanhã pode ser toda a
tripulação da *camionete* a dizer o mesmo, pode acontecer que o seu con-
ductor corrobore as afirmações do *Dente de Ouro*, que as testemunhas, a
que êle se refere do mesmo modo acaudilhem bem seus dizeres?! E
depois? Para que prisão se deve atirar o magistrado que faltou aos
seus deveres, para que cela deve empurrar quem não instaurou o pro-
cesso segundo os depoimentos dos reus?

Desapaixonadamente ponho os factos e se deles trato, a culpa é de
quem foi para o tribunal acusar os monarchicos de complotarem contra
o meu querido amigo que nunca deixou trasporecer cousa alguma do
afirmado ali numa teatral exhibição à qual se quiz associar, numa retum-
bância setaria e retorica, certo advogado amigo do reclamo.

O acto, porém ainda não acabou. *Dente de ouro* surge com a sua
scena de efeito e, meus senhores—diz aqui o Roberto,—a pesar de alguns
magicos o desejarem—*Santa Clara* jamais pode passar a chamar-se
Santa Escura.

Uma Partida nacional a um partido Nacionalista

Os partidos e as partidas — Rumores e trombetas — E porque não Progressista? — Do alcuha ao titulo — Partida de Satan e partido engravado — Do roubo das frases ao dos cofres

Apareceu um novo partido. Homens eminentes, de dedo nas testas amplas, cogitaram, dias a fio, acerca do titulo que se lhe devia pôr, exactamente como boas madrinhas, do tempo das fadas, em torno dum berço amado.

Houve quem se lembrasse de lhe chamár Constitucional, mas logo sussurros subterraneos avisaram os do areopago que os deuses da Brasileira do Rocio os correriam á pedrada. Alguem recordou que belo seria voltar um pouco á tradição aliada ao progresso. Em frases longas, retumbantes, falou de Viriato e do senhor Brito Camacho e então, docemente, entendeu ser melhor chamar-lhe partido Progressista. Aqui estava a ligação do passado com o presente. De resto era uma homenagem aos liberaes, aos da coligação, a José Luciano, que no tempo da monarchia arvorara uma gravata vermelha em certo dia de amúo com o Senhor D. Luiz. Novamente, um barulho infernal reboou nos espaços, um clangor de trombetas roucas e profeticas passou nos ares e vozes d'augures disseram que os manipansos do Grupo dos 13 tantas bombas atirariam, de colera cheias as almas e de metralha os petardos, que Lisboa, a bisbilhoteira, ficaria arrazada e já não seriam necessarios os partidos desde que tudo em fanicos acabasse.

Dias e dias levaram na sua cogitação os homens eminentes e a grande frase, o titulo sonoro, retumbante, forte, aquelle que pudesse substituir o de *Reconstituente*, que ninguem quiz tomar, o de *Liberal* em que pouca gente acreditou, apesar das liberalidades da republica para a maioria dos seus filiados, não surgia em definitivo.

Apareciam tantos nomes, que até os calendarios não os comportavam; vinham tantas designações, que os dicionaristas, palidos e atemorizados, invejavam a inventiva dos politicos, mas franziam-se os narizes dos filiados e sempre os mesmos avisos chegavam ou em fórma de sinais no ceu ou de barulhos na terra.

Suou-se tanto na busca desse ideal titulo, que até parecia chuva. Já sabem a origem das bategas da outra semana; berrou-se tanto e tanto se

discutiui que parecia trovoadas e as tempestades que viraram barcos, mataram gente, arrazaram fabricas, não foi Deus quem as desencadeou mas os homens eminentes soprando do terraço do Calhariz. Encanaram o vento das suas discussões pelo alto de Santa Catarina, agitaram o Tejo, perturbaram a barra, passaram em rajadas por Palmela e iam destruindo Setúbal.

Não revelo isto para lhes tirar votos, no meu papel de opositor eterno, mas para que a verdade fique esclarecida. Foi o nome do partido a origem de tanta ventania. E' que a cousa mais difficil do mundo é uma designação como a mais necessario, já se sabe que é um novo partido politico português. Para os chamadouros, não ha como o povo a bolar alcunhas que ajustam como luvas, desde a de *Nariz de Lata* a quem o tem extranho, mal feito, sem sensibilidade de narinas, até ao do *Perna Fina* a quem taes attributos possue. Mas já se vê que não se póde chamar a um agrupamento *Nariz de Lata* e muito menos *Perna Fina* pois todos os do grupo são senhores de seus narizes e empregos conhecidos e de boas pernas fugitivas em dias de revoltas.

Continuaram no seu grande trabalho, na sua terrivel canseira e já iam desistir, com medo de gerarem mais vendavais, quando alguem achou o titulo ideal, unico, aquelle que ninguem descobrira e jamais fôra usado, diziam eles: — *Nacionalista!*

Delirou-se. Desta vez Satan, lembrando-se que os catholicos, em tempo, se tinham servido desta designação, não levantou obices nem clamores, além de os comprometer com os herejes, mas de repente appareceu uma facção usada, que em nome do nacionalismo já tentou uma revolução e gritou:

— Alto lá; nacionalista é o nosso partido e como tal o registamos com uns meses de S. Julião da Barra!

O que se passou no animo dos outros não sei, mas sempre ouvi dizer que quem furta uma frase é capaz de roubar um lenço e até um cofre e isso seria o menos se não se tratasse dum partido politico que um dia póde chegar ao poder. E' certo que estas especies de nacionalizações já estão em habitos e costumes nacionais, desde que fomos á India, ao que chamamos conquista, e á Africa onde surripiamos garantindo a epopeia.

SUMÁRIO DO N:º 8

SABADO, 24 DE FEVEREIRO

Quem quer ser Presidente da Republica? — O futuro chefe da revolução — Resposta á carta dum moageiro — A imprensa vai ter mordação? — O cancro da diplomacia, etc.

A Independencia do Brasil

E UNANIME A IMPRENSA EM DIZER QUE ESTA OBRA DE
ROCHA MARTINS

EDITADA PELA "LUMEN"
É O SEU MELHOR TRABALHO LITERÁRIO. A SEGUIR PUBLICAMOS A IMPRESSÃO DO ILUSTRE ESCRITOR EDUARDO DE NORONHA NO "JORNAL DE NOTÍCIAS" DO PORTO:

A INDEPENDENCIA DO BRASIL

de ROCHA MARTINS

O incasavel, homem de letras e brilhante publicista que é Rocha Martins, acaba de publicar mais uma obra, como todas as suas, do mais alto interesse historico. referente ao periodo da implantação do regimen constitucional no país.

Rocha Martins apresenta-nos neste volume as figuras que mais se salientaram não só no movimento liberal de que foi teatro o país, como aquelas que no Brasil mais trabalharam pela sua emancipação, desde a sufocada revolta republicana de Pernambuco até aos que em 1822 soltaram o grito de revolta pela independência do generoso e pobre país do qual Herculano diz «ser a a nossa melhor colonia desde que deixou de ser colonia nossa».

Referê-se o ilustre escritor à estada da côrte no Rio de Janeiro desde 1807 a 1821; à revolução de 1817 e á de 1820, traçando com vigor os retratos dos conspiradores e das vítimas, entre as quais esse nobilissimo militar, Gomes Freire, sacrificado á arrogancia de B resford e á covardia da regencia. Relata-nos todas as intrigas urdidas em volta de D. João VI, desde a tentativa de o substituir no trono pelo duque de Cadaval até aos movimentos insurreccionais de que foi lu cro D. Carlota Joaquina eseu filho D. Miguel, de que foram episodios int ressantes a «Vila Francada» e a «Abrilada». As batalhas que os nossos diplomatas dos melhores desse tempo na Europa, sustentaram nos diversos paizes, são traçados com mão de mestre, desde que D. Pedro soltou o grito de Ypiranga, proclamando a independencia brasileira até que Portugal, forçado pelas circunstancias e pelos factos consumados, a reconheceu, tratando o Brazil como de igual para igual. Em suma, Rocha Martins prestou mais um relevante serviço aos estudos historicos nacionais, com este seu ultimo livro. que lhe agradecemos.

SÓROS E VACINAS

TODAS AS EMBALAGENS SÃO ACOMPANHADAS DE SERINGAS E AGULHAS

INSTRUMENTOS CIRÚRGICOS
APARELHOS DE MEDICINA

Estabelecimentos ALVARO CAMPOS

LISBOA-PORTO

Telef. 1017-Central

